



Laís Hanson Alberto Lima é arquiteta e urbanista e Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Estuda patrimônio e paisagem, história da Arquitetura e do Urbanismo e morfologia urbana.

Karin Schwabe Meneguetti é arquiteta e urbanista e Doutora em Arquitetura e Urbanismo. Professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Estuda paisagem urbana, planejamento ambiental, ecologia da paisagem, infraestrutura verde, espaços livres urbanos, morfologia urbana e cidades novas.

Hélio Hirao é arquiteto e urbanista e Doutor em Geografia Urbana. Professor da Faculdade de Tecnologia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp). Estuda patrimônio urbano e arquitetônico e projetos de intervenção.

Como citar esse texto: LIMA, L.; MENEGUETTI, K.; HIRAO, H. A valorização das ruínas como espaços livres. V!RUS, São Carlos, n. 15, 2017. [online] Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/_virus15/?sec=4&item=8&lang=pt>. Acesso em: 12 Dez. 2017.

Resumo

A ruína é singular, sublime e pitoresca, formada por estratificações do tempo e lacunas que permitem a indissociável relação com a paisagem. A obra arruinada, ainda que disforme, proporciona a interpretação do passado e auxilia na construção da memória, por ser um testemunho material da história e carregar as marcas do tempo. Por sua condição de vazio como ausência, promessa e expectativa e, lugar aparentemente abandonado, residual e com acentuada carga cultural anterior predominante, associamos à noção de *terrain vagues*. Dessa forma, adota-se a ruína como um espaço livre aberto, com objetivo de constatar nas discussões acerca da preservação de ruínas patrimoniais, pontos que apótem intervenções de caráter conservativo. Analisa-se o caso da Hospedaria dos Imigrantes, em Santos, São Paulo, Brasil, uma construção inacabada, subutilizada até sua consolidação como ruína e *terrain vague*, debatendo a possibilidade de uma intervenção pautada nas correntes da conservação e na abordagem das *verdant ruins*, capazes de garantir a permanência da ruína como um espaço livre vegetado na cidade.

Palavras-chave: Ruínas, Paisagem, *Terrain vague*, Espaço livre, *Verdant ruins*

1 Introdução

O termo ruínas pode designar desde monumentos da Antiguidade Clássica até sítios industriais abandonados e infraestruturas urbanas obsoletas. Um monumento se encontra em ruínas quando perde sua função e parte dos elementos que o completam, formando lacunas que dão lugar à apropriação da vegetação.

Reconhece-se o sublime (BURKE, 2013) e o pitoresco (RUSKIN, 2008) encontrados nas ruínas (RUSKIN, 2008; CHOAY, 2006) como valores estéticos e subjetivos ligados à percepção (MENEGUELLO, 2003). Estes valores são formados a partir de características que auxiliam na compreensão da atmosfera de uma obra (ZUMTHOR, 2009), por meio da "[...] poesia produzida pela interação entre a massa e a luz, entre elemento natural e artificial" (SPIRITO, 2012, p. 84, tradução nossa).

Georg Simmel (1911)¹ apontou a sedução encontrada na ruína causada pelo processo de destruição, no qual a natureza se sobrepõe à obra humana (SIMMEL, 1911 apud SOUZA; ÖELZE, 1998). A ruína é originada a partir de uma construção do homem. Porém, o artista não pensa na destruição da sua obra, na passagem do tempo que, eventualmente, acontece a todos os monumentos. Certamente não pensa na beleza desse processo e no resultado final, antes de ruir ou sofrer intervenção humana. Quem dita essa estética é o tempo. "Dois edifícios que parecem o mesmo em sua forma arquitetônica provavelmente se tornam bastante diferentes como ruínas depois de terem sido abandonados. Cada ruína é única" (NIESZCZERZEWSKA, 2015, tradução nossa).

No caso de ruínas modernas e industriais, seu valor enquanto espaço obsoleto geralmente é associado ao valor de atualidade e de uso (RIEGL, 2014), devido às demandas de ocupação, à oferta desses espaços e à facilidade de reconstrução, por datarem de épocas mais recentes e terem sido construídos com materiais e técnicas ainda executadas atualmente.

Segundo Fortuna (2015, p.7, aspas do autor, grifo do autor), "[...] vale a pena mencionar o facto de a *ruína urbano-industrial* ser valorizada pela sua fantasmagoria e pelo modo como representa a paisagem supérflua dos espaços marginais que, em regra, escapam à lógica do ordenamento territorial da cidade". O autor discorre sobre o valor dessas ruínas que desafiam a cidade contemporânea, permanecendo em desuso e degradação, configurando uma paisagem não desejada, porém, instigante.

[...] a ruína é fundadora de imaginários e motivações emocionais. Esta mesma ruína pode ser signo de degradação para o discurso urbanístico que demanda intervenção do Estado. Simmel pergunta nesse âmbito por que temos a ruína que nos inspira as lembranças? Por que essa paisagem não pode durar na sua condição de luto? (ECKERT, 2007, p. 7)

Em casos de ruínas localizadas na malha urbana, sua permanência na paisagem da cidade pode configurar um espaço livre. A ruína, formada por lacunas e fragmentos, passa a ser de livre acesso, além de permitir a apropriação da natureza, formando, muitas vezes, espaços livres vegetados, e estabelecendo uma continuidade com a paisagem.

Spirito (2012, p. 88, tradução nossa) explica que "a ruína exprime outra condição fundamental: de ser incompleta, em parte destruída, o que permite se abrir e se envolver com a paisagem, com os elementos naturais e com a geografia do lugar no qual se encontra". Essa relação da obra construída com a natureza proporciona a intrínseca união da ruína com a paisagem.

Assim, as ruínas na paisagem são reconhecidas por meio de sua relação entre natureza e cultura, exposta pela estética pitoresca e sublime e por seu envolvimento indissociável com o entorno, tornando a ruína a própria paisagem *per se*.

Nas ruínas estão arraigados os valores de memória (RIEGL, 2014), pois ainda que sua configuração tenha sido alterada pelo tempo, o processo de degradação da obra permite a construção, no imaginário, da memória individual e coletiva, completando as lacunas a partir dos vestígios. Tal memória pode ser comprometida a partir da intervenção do homem, capaz de criar um "falso histórico" (BOITO, 2003), ao restaurar uma ruína, transformando-a em uma nova edificação.

Diante deste quadro, questionamos: Como os projetos de intervenção em ruínas podem preservar o patrimônio sem transformar abruptamente sua paisagem? Quais princípios podem garantir a estética da ruína? De que maneira a consolidação de uma ruína pode exaltar seus valores e explorar seu potencial enquanto ruína?

O caso da Hospedaria dos Imigrantes de Santos, SP, Brasil, foi escolhido para se discutir abordagens no projeto de intervenção no monumento tombado como patrimônio e suscitar a compreensão das ruínas na paisagem da cidade.

2 As paisagens dos *terrain vagues*

A noção de paisagem saiu da representação nas telas de pintores para ser alvo de projetos de jardins e parques. Os projetos paisagísticos exploraram as ruínas como elementos pitorescos e sublimes, criando falsas ruínas ou intervindo nesses espaços abandonados visando a sua recuperação por meio do paisagismo, a exemplo do projeto do jardim público nas ruínas da igreja St. Dustan no Leste, em Londres, Inglaterra.

A essa paisagem com ruínas associa-se a noção de *Terrain Vagues*, de Ignasi de Solà-Morales (2002)².

A noção de terrain, com a de vague, contém ao mesmo tempo a ambiguidade e a multiplicidade de significados que fazem desta expressão um termo especialmente útil para designar esta categoria urbana com que nos aproximamos dos lugares, territórios ou edifícios que participam de uma dupla condição. [Significa] uma área disponível, cheia de expectativas, de forte memória urbana, com potencial original: o espaço do possível, o espaço do futuro. (SOLÀ-MORALES, 2002, p. 23 apud DONADON, 2009, p. 18, tradução nossa)

Os *terrain vagues* formados por ruínas de antigas edificações e sítios industriais abandonados são cenários comuns às cidades que enfrentam a dinâmica do crescimento urbano, as modificações nas atividades econômicas e as alterações nas paisagens.

O que está em causa é sublinhar que "espaços tornados vazios", decadentes ou abandonados da cidade (por ex. terrenos não urbanizados, equipamentos sociais desativados, projetos residenciais inacabados, etc.) constituem uma espécie de terra nullius, uma terra de ninguém que, por isso mesmo, estimula o ímpeto lucrativo do capital que não tolera o vazio e o converte em "espaço a preencher". (FORTUNA, 2015, p. 6-7, aspas do autor).

O reconhecimento dos *terrain vagues* gerou atenção e possibilitou a valorização de espaços obsoletos, abandonados e deteriorados, identificando no vazio a ligação com o passado e as possibilidades do espaço no futuro (SOLÀ-MORALES, 2002).

3 A preservação das ruínas patrimoniais

Fortemente influenciado pelo movimento romântico, o culto às ruínas e a valorização dos aspectos sublimes e pitorescos marcaram uma geração de autores que discutem sobre a preservação do patrimônio.

Identifica-se quatro pontos principais nas teorias do patrimônio, intrínsecos ao debate sobre a concepção de ruína: valoração dos monumentos, autenticidade, pátina e ambiência.

A **valoração dos monumentos** pressupõe que o que estabelece a intervenção em obras de interesse cultural é a instituição de valores (RIEGL, 2014), que deliberam quais características devem ser mantidas, exaltadas, recuperadas, etc. Choay (2006) aponta a noção de *mise-en-valeur*, que pode ser sintetizada nas duas principais vertentes de preservação dos monumentos. A primeira, do pensamento conservacionista, que tem defensores como Ruskin (2008), Boito (2003), Riegl (2014), e preza pelos valores documentais, pela história e pela memória da sociedade em relação ao patrimônio. A segunda, do pensamento restaurador de Viollet-le-Duc (2000), que tende a resultar na ideia da *mise-en-scène*, da animação cultural, que busca a reutilização do monumento e sua conversão em dinheiro e em espetáculo – ações perigosas, condenadas já no século XIX e na Carta de Veneza (ICOMOS, 1964) que se fizeram, ainda assim, cada vez mais comuns (CHOAY, 2006).

A questão da **autenticidade** está intrínseca na ruína como a ideia de caráter original da obra e, obstruindo esse caráter, cria-se um falso histórico (BOITO, 2003), presente nas discussões sobre restauração no sentido de repriminação (VIOUET-LE-DUC, 2000).

A **pátina**, os aspectos originais da passagem do tempo na obra e as estratificações, expõem o curso natural do envelhecimento dos monumentos e contribuem para a conformação da ruína e sua estética. A ideia de preservação da pátina é uma associação que diversos autores fazem com o campo das sensações (RUSKIN, 2008; DVORÁK, 2015; CHOAY, 2006). Essa pátina, além de fazer parte da trajetória da obra de arte no tempo, sendo inserida pelo mesmo, o que traz um valor histórico a esses “acréscimos naturais”, torna-se bela, exatamente por sua aproximação com a natureza e é digna de ser apreciada por uma instância estética (BRANDI, 2014), firmando a ideia de preservação das marcas do tempo nos monumentos e sua aproximação ao sublime e ao pitoresco.

A noção de **ambiência** do monumento (KÜHL, 2013), considerando seu entorno como parte fundamental, garante a leitura da paisagem da qual a obra faz parte.

No Brasil, podem ser considerados como exemplos de tais enfoques os projetos de intervenção nas ruínas do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul (Fig.1) e as ruínas do Engenho São Jorge dos Erasmos, em Santos, São Paulo (Fig. 2).



Fig. 1. Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, 2017. Fonte:Rodrigo Schwabe Meneguetti, 2017.



Fig. 2. Ruínas do Engenho São Jorge dos Erasmos. Fonte: Laís Hanson, 2017.

Ambas as ruínas se destacam por seu intrínseco valor de antiguidade e preservam a paisagem com poucas intervenções de caráter incisivo, ainda que questionados por completar lacunas e utilizar materiais de difícil dissociação. Nos projetos de intervenção, foram inseridos anexos cuidadosamente localizados distantes das ruínas, considerando o respeito pela ambiência dos bens tombados e pensando nas questões de visibilidade das ruínas.

Como exemplo de utilização de ruínas modernas e contemporâneas, destaca-se o projeto de parque sobre as ruínas industriais do Landschaftspark, em Duisburg-Nord, Alemanha (Fig. 3). Nele, veem-se as possibilidades de exploração e uso do espaço sem transformações abruptas na paisagem, reconhecendo a pátina do tempo e valorizando a estética pitoresca das ruínas e a sublimidade de suas lacunas, consideradas como parte fundamental do projeto da paisagem.



Fig. 3. Landschaftspark. Fonte: Karin Schwabe Meneguetti, 2015.

A preservação de ruínas patrimoniais nem sempre encara as estratificações do tempo de forma positiva, o que pode resultar em intervenções de caráter transformador. Sobre tal ponto de vista, Dvorák (2015) afirmou:

Em casos de ruínas, é preciso antes de tudo levar em consideração que não se pode destruir aquilo que consiste seu atrativo singular: o caráter de uma construção vítima dos senhores dos tempos e seu aspecto pitoresco na paisagem. Uma ruína reconstruída não é mais uma ruína, mas uma nova, geralmente medíocre, obra arquitetônica (DVOŘÁK, 2015, p. 110).

As instituições e os profissionais responsáveis pela preservação desses monumentos devem garantir a maior inteligibilidade na sua apresentação, para auxiliar na leitura e na percepção do espaço. "O objetivo da apresentação física deve ser autêntico em todos os aspectos (projeto, materiais, acabamentos e etc.) e determinado pela natureza e cenário particulares do sítio" (WHITE, 2007, p. 49, tradução nossa).

A abordagem das *verdant ruins* (WHITE, 2007) valoriza as questões ecológicas mais amplas e o "senso de lugar" das ruínas ao preservá-las como espaço livre vegetado, com o mínimo absoluto de intervenção para a conservação da estrutura. Embora atente que é preciso retirar espécies vegetais cujas raízes estejam danificando estruturas a ponto de causar colapsos, chama atenção pelo fato de reconhecer a função protetora da vegetação que se desenvolveu com o tempo nas ruínas.

As vertentes da pura conservação e a crítico-conservativa (KÜHL, 2004) são fruto das teorias conservacionistas do século XIX e se aproximam em ações que buscam preservar a estética e a condição de ruína. Enquanto a primeira, ainda que seja mais

rígida e preze pela mínima intervenção, se apoia na ideia de autenticidade e de preservar a ruína em seu estado atual; a segunda se apoia no juízo crítico de definir, por exemplo, a diferenciação entre pátina e patologia, importante para determinar o que deve ser respeitado, por seus valores intrínsecos e o que deve ser retirado, por causar danos ao monumento.

No Brasil, existe uma contradição entre teoria e prática. Kühn (2008) faz um alerta sobre as intervenções pautadas no valor de uso, destacando a confusão de uma leitura distorcida de um dos clássicos da teoria do patrimônio que influenciou o texto da Carta de Atenas de 1931, o restauro segundo Boito (2003). O valor documental da obra ficava em segundo plano, pois as adições e alterações ao longo do tempo eram retiradas, desfeitas ou mascaradas. Kühn (2008) identifica que não houve a adoção prática das deliberações da Carta de Atenas (1931), passando do restauro estilístico do final do século XIX para o restauro crítico (BRANDI, 2014) exposto na Carta de Veneza (ICOMOS, 1964), em teoria. Essa lacuna na evolução da preservação culminou na "não-compreensão dos bens culturais também como monumentos históricos" (KÜHL, 2008, p. 114).

Os equívocos, porém, prosseguiram com as interpretações errôneas dos princípios da Carta de Veneza (1964). Brandi (2014) deu continuidade à postura de Boito (2003), alertando que a intervenção no monumento não deveria ser pautada primordialmente no valor de uso, sendo este secundário. Reconhece que uma obra é dotada de aspectos que não se limitam à matéria como produto humano, integrando o ambiente em que se insere e todas as suas relações subjetivas. Carbonara ressalta tal entendimento, ao afirmar que "deve ser considerado que as ruínas podem adquirir uma 'segunda esteticidade' por seu valor ambiental e pitoresco" (CABONARA, 2006, p. 11, aspas do autor).

Há a necessidade de subtrair o valor de uso como ditador das intervenções, potencializando a valorização da matéria (BRANDI, 2014) pela qual a ruína é formada: a matéria cultural (humana) e a natural (a pátina, a vegetação); considerá-la dotada de aspectos que possibilitam a atribuição de valores subjetivos, para além dos valores patrimoniais, no campo da percepção; analisar a ruína de forma mais ampla, reconhecendo sua estética única, e sua relação indissociável com a paisagem.

4 A Hospedaria dos Imigrantes

Localizada em Santos, São Paulo, Brasil, a Hospedaria dos Imigrantes (Fig. 4) foi projetada em estilo eclético pelo arquiteto italiano Nicolau Spagnuolo em 1910. Porém, a obra não foi finalizada por falta de verba, cessando sua construção em 1912 (SEGAWA, 1989).



Fig. 4. Hospedaria dos Imigrantes. Fonte: Laís Hanson, 2016.

om a interrupção do projeto, apenas a ala norte terminou de ser construída. A ala sul foi posteriormente levantada apenas para delimitar a área da Hospedaria, descaracterizada do projeto original do arquiteto, que previa duas alas espelhadas. O pátio interno foi coberto e houve modificações nas aberturas e disposição interna da ala norte para a criação de escritórios e estocagem de produtos.

Por décadas a Hospedaria funcionou como um dos armazéns conectados ao Porto de Santos. Seu total abandono se conformou na década de 1990 e em 1998 a Hospedaria dos Imigrantes foi tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico de Santos (CONDEPASA).

A Hospedaria tem valor histórico e documental por retratar o contexto da época, uma edificação advinda de um projeto maior de higienização da cidade que marcou fortemente a paisagem santista.

Mesmo não utilizada para os fins para os quais foi projetada, revela quase cem anos de apropriação, o que demonstra seu valor de utilização. A subutilização acarretou em adaptações e desconfigurações que demonstram as dificuldades encontradas em explorar as ruínas para os diversos fins. Atualmente, o valor de utilização dita os projetos de intervenção na Hospedaria dos Imigrantes, visto a proposta de instalação de um campus universitário em trâmites de projeto desde 2012.

A questão da autenticidade é discutida visando o projeto original da Hospedaria, que não foi finalizado e, desde então, se consolidou como uma construção inacabada.

Atualmente, a Hospedaria dos Imigrantes é tomada pela pátina, fortemente caracterizada pela vegetação que toma conta das ruínas. A aparência da alvenaria, a falta de piso e de cobertura, a coloração dos tijolos, as lacunas e a natureza presente

reforçam as marcas da passagem do tempo e afirmam o caráter sublime e pitoresco intrínseco na paisagem urbana com ruínas.

Pimentel (2005) discorre sobre como as lacunas proporcionam uma relação contínua do interior com o exterior e, ao analisar a ruína em relação ao entorno, aumentando o olhar para a escala da paisagem. No caso das ruínas da Hospedaria, lacunas como a falta de cobertura e piso permitem a relação entre o espaço livre interno nas ruínas e o espaço livre exterior, as calçadas, vias, lotes vagos e outras ruínas.

O entorno constitui uma paisagem urbana histórica de uma região caracterizada pela relação com o Porto e suas construções datadas do final do século XIX e começo do século XX, que são de suma importância para a história da cidade de Santos.

Algumas edificações foram demolidas, outras restauradas e aquelas, já em ruínas, sem utilização, pisos ou coberturas, deram espaço para a natureza seguir seu curso, tomando o edifício, onde árvores nasceram nas lacunas e no alto das ruínas (Fig. 5).



Fig. 5. Árvores no alto da fachada da ala norte da Hospedaria. Fonte: Laís Hanson, 2012.

Os espaços livres encontrados na Hospedaria e seu entorno conformam *terrain vagues* com ruínas e possibilitam a existência de áreas vegetadas devido à permeabilidade do solo e a "verdificação" do espaço.

As ruínas são responsáveis pela presença dos escassos espaços livres no bairro (Fig.6), e seu alto grau de deterioração resulta na naturalização do processo, o que proporciona o crescimento de diversas espécies de vegetação e a conformação de uma paisagem de estética sublime e pitoresca.

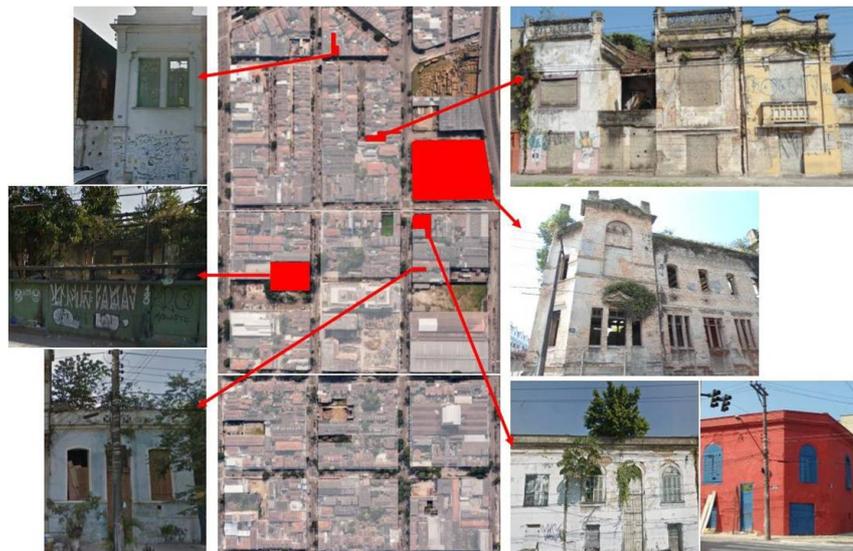


Fig. 6. Mapa com destaque para os *terrain vagues*. Fonte: Google Earth. Fotos e edição da autora, 2016.

Diante da estética peculiar das ruínas (HETZLER, 1988), da sua intrínseca relação com a paisagem (SIMMEL, 1911; SPIRITO, 2012), levando em consideração as premissas de preservação dos monumentos de cunho conservacionista, como Ruskin (2008), Boito (2003), Dvořák (2015), Giovannoni (2013), a definição de *terrain vagues* de Solà-Morales (2002) e diante das premissas relatadas na Carta de Veneza (1964) da teoria de Brandi (2014), propõe-se neste trabalho uma abordagem para as ruínas da Hospedaria.

A conservação por meio das *verdant ruins* (WHITE, 2007) mostra-se fiel à preservação das características que configuram a paisagem das ruínas. Por meio da apropriação da natureza, as ruínas continuam possuindo seus valores de histórico e documental, além de assumir seu caráter pitoresco e sublime, permitindo ainda que a ruína funcione como um espaço livre.

A noção de *verdant ruin* implica na resiliência da vegetação (WHITE, 2007), reforçando a ideia de a ruína ser uma manifestação da relação intrínseca entre natureza e cultura (SIMMEL, 1911; SPIRITO, 2012). Permite a permanência da estética da ruína da Hospedaria, formada pelas ações do tempo e pela presença da pátina (RUSKIN, 2008; HETZLER, 1988), além de firmar um espaço livre vegetado em meio à malha urbana.

5 Considerações finais

A ruína se forma a partir da desintegração da obra humana e da integração da natureza. Formada a partir de lacunas, os materiais que compunham a antiga edificação vão sendo degradados pelas ações do tempo. A partir do abandono do homem, a natureza se apropria do espaço, tomando-o para si, transformando a edificação em ruína, em um espaço livre que se comunica com a paisagem por meio dos vazios.

Tal paisagem de ruínas pode ser apreciada e explorada a partir da memória urbana (SOLÀ-MORALES, 2002), sendo um espaço de transição entre a construção do passado e o efêmero caráter transformador do tempo. Diante da necessidade da preservação da memória e por meio da valorização do bem tombado como patrimônio, atenta-se às transformações de cunho antrópico nem sempre respeitadas à atmosfera pitoresca e sublime das ruínas.

As preocupações com as intervenções em ruínas levam em conta o respeito pelas estratificações do tempo (RUSKIN, 2008), o atentado do falso histórico (BOITO, 2003), as questões de percepção do monumento diante de seus valores (RIEGL, 2014) e sua intrínseca relação de continuidade com a paisagem (SIMMEL, 1911).

As abordagens que respeitam a estética da ruína, quando combinadas a uma intervenção na paisagem utilizando-se de elementos naturais, consolidando-a como um espaço livre, permeável e contínuo com a paisagem ao redor, contribuem para manter os valores e aspectos que constituem a ruína.

Considera-se que não se pode dissociar a ruína de sua paisagem (SIMMEL, 1911; SPIRITO, 2012) e, tendo em vista a possibilidade de exploração da estética da ruína, dotada de valores sublimes e pitorescos (RUSKIN, 2008), única e desafiadora (SIMMEL, 1911; HETZLER, 1988; FORTUNA, 2015), destaca-se neste trabalho a abordagem *verdant ruins* (WHITE, 2007).

Por ser esta abordagem ainda pouco documentada no campo da preservação dos monumentos, buscou-se identificar nos projetos de intervenção de preservação da estética e da história do monumento ações que se aproximaram da ideia de assumir a ruína como um espaço livre.

A discussão proposta aproxima-se dos princípios adotados pelas vertentes crítico-conservativa e da pura conservação (KÜHL, 2008), somados à noção de escassez de espaços livres e a conformação ruínas como *terrain vagues*, resultando na consolidação desses espaços com função de espaço livre, respeitando seus valores, sua estética e sua paisagem.

Kühl (2008, p. 58) alerta que "distintas formas de encarar os monumentos históricos devem coexistir". Cada caso é um caso diferente que envolve particularidades referentes à história, à trajetória, à memória e valores atribuídos por cada cultura (MENESES, 1995). Para o caso da Hospedaria, não se firma a preservação da ruína em sua deterioração, pois isto implicaria na morte da edificação (RUSKIN, 2008). Toma-se a ruína como partido para uma intervenção que preserve o monumento ou conjunto respeitando sua estética e sua história (BRANDI, 2014), ditada por seus valores patrimoniais e subjetivos. Encara-se a ruína como documento (BOITO, 2003), identificada entre as práticas da pura conservação e da conservação crítica (KÜHL, 2008) e representada pela abordagem das "*verdant ruins*" (WHITE, 2007), preservando-a como espaço livre vegetado, de modo a exaltar a relação entre natureza e cultura e entre ruína, paisagem e cidade.

Referências

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. Trad. Beatriz Mugayar Kühl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

BOITO, Camillo. **Os Restauradores**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BURKE, Edmund. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo**. Trad. Enid Abreu. 2ª ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2013.

CARBONARA, Giovanni. **Brandi e a restauração arquitetônica hoje**. Trad. Beatriz Mugayar Kühl. In: *Desígnio*, n. 6, p. 35-47, São Paulo, 2006.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: UNESP, 2006.

DONADON, Edilene T. **Terrain Vagues: Um estudo das áreas urbanas obsoletas, derrelitas ou residuais em Campinas**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

DVOŘÁK, Max. **Catecismo da Preservação dos Monumentos**. Trad. Valéria Alves Esteves Lima. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

ECKERT, Cornelia. **As variações "paisageiras" na cidade e os jogos da memória.** In: II Fórum Temático Paisagem e Cultura: Dinâmicas do Patrimônio e da Memória na Atualidade. Universidade Federal do Pará. Belém, 2007.

FORTUNA, Carlos. **A paisagem da ruína urbana.** In: Cescontexto - Paisagens Socioculturais Contemporâneas. Coimbra, n. 12, p. 5-9, 2015.

HETZLER, Florence M. **Causality: Ruin Time and Ruins,** 1986. In: Leonardo, v. 21, n. 1, p. 51-55, 1988.

ICOMOS. **Carta de Veneza.** II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos. Maio de 1964. Portal IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>>. Acesso em: 10.jun. 2015.

KÜHL, Beatriz M. Gustavo Giovannoni – **Textos Escolhidos.** São Paulo: Artes e Ofícios, 2013.

_____. **O tratamento das superfícies arquitetônicas como problema teórico da restauração.** In: Anais do Museu Paulista. v. 12. São Paulo, p. 309-330, 2004.

_____. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização.** Problemas Teóricos de Restauo. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

MENEGUELLO, Cristina. **Da Construção das Ruínas: Fragmentos e Criação do Passado Histórico.** In: ANPUH– XXII Simpósio Nacional de História. João Pessoa, 2003.

MENESES, Ulpiano T. B. de. **Os "usos culturais" da cultura. Contribuições para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais.** 1995. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, Rita C. A. da. Turismo: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Editora Hucitec, 1999, p. 88-99.

NIESZCZERZEWSKA, Malgorzata. **Derelict architecture: Aesthetics of an unaesthetic space.** In: Argument - Biannual Philosophical Journal. v. 5, p. 387-397, 2015.

PIMENTEL, Letícia K. **Ruínas: imagem estática ou memória viva?** Dissertação (mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

RIEGL, Alois. **O Culto Moderno dos Monumentos: A sua essência e a sua origem.** Trad. Werner Rothschild Davidsohn, AnatFalbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RUSKIN. John. **A Lâmpada da Memória.** Trad. Maria Lucia Bressan Pinheiro. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

SCHOOOF, Sydney. **Preservation Without Restoration: The Case for Ruins.** P Dissertação (Mestrado). School of Architecture, Art and Historic Preservation. Roger Williams University. 2011.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas de Hospedarias de Imigrantes.** In: Rev. Inst. Est. Bras. SP, n. 30, p. 23-12, 1989.

SIMMEL, Georg, **The ruin.** (1911). In: SIMMEL, Georg et al. WOLF, Kurt H. (org.). Essays on Sociology, Philosophy and Aesthetics. Nova Iorque: Harper, 1959, p. 259-266.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. **Territórios.** Barcelona: Gustavo Gilli, 2002.

SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade.** Brasília: UnB, 1998, p. 137-144.

SPIRITO, Gianpaola. **Le rovine come possibilita poetica per l'architettura contemporanea.** In: DC, v. 11, n. 24, p. 81-90, 2012.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène E. **Restauração.** Trad. Beatriz Mugayar Kühl. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

WHITE, Amanda. **Interpretation and display of ruins and sites.** In: ASHURST, John. Conservation of Ruins. Londres: Elsevier, 2007, p. 246-263.

ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas. Entornos arquitectónicos – As coisas que me rodeiam.** Trad. Astrid Grabow. Barcelona: Gustavo Gilli, 2009.

1SIMMEL, Georg, The ruin. 1911. In: SIMMEL, Georg et al. WOLF, Kurt H. (org.). Essays on Sociology, Philosophy and Aesthetics Nova Iorque: Harper, 1959, p. 259-266.

2SOLÀ-MORALES, Ignasi de. Territorios. Barcelona: Gustavo Gilli, 2002.